

Ciclicamente, quase sempre em torno do debate da eutanásia, assistimos a declarações públicas por parte de pessoas com suposta responsabilidade profissional e cívica, sobre a prática dos Cuidados Paliativos e sobre a realização da sedação paliativa. Lamentamos que se lancem afirmações que são falsas, facilmente rebatíveis pela evidência científica e pela prática. Lamentamos, sobretudo, que se queira assim confundir e desinformar os portugueses. Não é sério e não vale tudo em nome da luta política.

Diz-se que a sedação paliativa é o mesmo que eutanásia, diz-se que ela apressa a morte e é irreversível, diz-se que a maioria dos doentes nos Cuidados Paliativos morre obnubilado, “zombie”.

Falará agora quem conhece de perto e trabalha na realidade dos Cuidados Paliativos há muitos anos, com milhares de doentes tratados e acompanhados, dentro e fora do SNS.

A sedação paliativa (chamá-la de terminal é errado!) é uma intervenção bem fundamentada e estudada, com indicações médicas precisas e procedimentos recomendados. Não é uma medida universal, é aplicada nos sintomas que não cedem às medidas terapêuticas de primeira linha. Faz-se recorrendo a sedativos e não à morfina. Deverá ser realizada por quem tem competência e treino para tal, nunca com a intenção de tirar a vida. Não deve ser confundida com más práticas de fim de vida (doses indevidas de morfina, por exemplo), que não cumpram as recomendações rigorosas para esta intervenção. A sedação não se aplica à larga maioria dos doentes que recebem Cuidados Paliativos de qualidade (realiza-se a menos de 15% dos doentes) e são vários os estudos científicos credíveis que desmistificam a ideia errada que a sedação paliativa antecipa a morte do doente. E porque é de ciência e não de opinião que se trata, convirá a esse respeito estudar e ler, por exemplo, Maltoni M, Scarpib E, Nannib O; Palliative sedation for intolerable suffering; Curr Opin Oncol 2014; 26:389–394.

O que se lamenta mais é o profundo desconhecimento técnico e científico da realidade, do processo de morrer e da realidade dos Cuidados Paliativos, prestados sempre por profissionais qualificados e com a devida competência para tal (não falamos de *sucedâneos*). É bastante grave, para não dizer mais, pelo desconhecimento que revela e pela irresponsabilidade que comporta, a forma infeliz e enganosa como se sugere que os Cuidados Paliativos “arrastam para um estado vegetativo” e deixam as pessoas “num estado obnubilado ou zombie”.

Somos médicos/as, trabalhamos com Ciência e Evidência, e o tema dos Cuidados Paliativos não é uma questão de fé ou crença, como por vezes se sugere. É de cuidados de saúde que falamos, uma intervenção técnica global

no sofrimento dos doentes graves e em fim de vida, que não pode ser distorcida em nome do “vale tudo”, e um tema do maior interesse para a sociedade, até porque a maioria dos portugueses continua a não ter acesso a eles.

Exige-se mais responsabilidade e verdade nas afirmações que se difundem quando se pretende emitir opinião. É preciso conhecer bem a realidade que se comenta e, sobretudo, ter mais respeito pelos doentes tratados em Cuidados Paliativos, pelas suas famílias e, já agora, pelos profissionais que efectivamente os acompanham.

Ana Bernardo (Azeitão); António Lourenço Marques (Fundão); Catarina Amorim (Lisboa); Cristina Galvão (Beja); Edna Gonçalves (Porto); Hugo Domingos (Lisboa); Isabel Duque (Castelo Branco); Isabel Galriça Neto (Lisboa) José Eduardo Oliveira (Porto); Licínia Araújo (Funchal); Rita Abril (Lisboa); Rosário Vidal (Ponta Delgada); Rui Carneiro (Porto); Vilma Passos (Funchal)